



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

TAMYS NAUANA LIMA MACHADO

**ASPECTOS PSÍQUICOS CONCERNENTES À CONDIÇÃO FEMININA
EXPRESSOS NA LITERATURA:
um estudo do livro “Pornô Chic”, de Hilda Hilst**

Itaituba – PA

2021

TAMYS NAUANA LIMA MACHADO

**ASPECTOS PSÍQUICOS CONCERNENTES À CONDIÇÃO FEMININA
EXPRESSOS NA LITERATURA:
um estudo do livro “Pornô Chic”, de Hilda Hilst**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Mestra Mara Aparecida Pereira
do Nascimento.

Itaituba – PA

2021

MACHADO, Tamys Nauana Lima.

ASPECTOS PSÍQUICOS CONCERNENTES À CONDIÇÃO FEMININA EXPRESSOS NA LITERATURA: um estudo do livro “Pornô Chic”, de Hilda Hilst. Itaituba – PA/ Tamys Nauana Lima Machado. Itaituba: FAI, 2021.

46 f. ilu.

Orientadora: Mara Aparecida Pereira do Nascimento.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba, 2021.

1. Literatura. 2. Psicanálise. 3. Pornô Chic. 4. Hilda Hilst. I. Nascimento, Mara Aparecida Pereira do. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA, 2021.

TAMYS NAUANA LIMA MACHADO

**ASPECTOS PSÍQUICOS CONCERNENTES À CONDIÇÃO FEMININA
EXPRESSOS NA LITERATURA:
um estudo do livro “Pornô Chic”, de Hilda Hilst**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Mestra Mara Aparecida Pereira
do Nascimento.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____ Nota: _____
Profa. Mara Aparecida Pereira do Nascimento, Mestra.

Avaliadora: _____ Nota: _____

Avaliadora: _____ Nota: _____

Resultado: _____ Média: _____

Data: ____ de abril de 2021

Aos meus escritores favoritos, por sempre conversarem comigo através dos livros, nos dias bons e ruins, e me ensinarem a nunca duvidar do poder de leitura e escrita na Literatura.

E aos professores de Literatura, cuja fé na vida, real e imaginária, me inspira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a Deus por cultivar em mim a curiosidade e o prazer pela busca incessante do conhecimento. Esta conquista só foi possível pela disposição Dele em ceder à minha vontade e abençoar os meus sonhos.

Agradeço, também, à Faculdade de Itaituba, por oportunizar a pista de decolagem para os meus voos de conhecimento.

Aos professores do Curso de Licenciatura Plena em Letras, por tornarem-se meus principais incentivadores durante os quatro anos da graduação, e, em especial, minha orientadora, Mara Nascimento, por acompanhar e ajudar nos esclarecimentos acerca deste estudo.

Aos meus familiares, em especial minha avó, que através das canções de ninar, quando eu era uma criança atenta aos detalhes, foi a minha primeira mediadora de leitura.

Aos meus amigos, que me ensinaram, conforme a letra musical de Titãs, que toda pedra no caminho nós podemos retirar, que é preciso saber viver.

Agradeço, por fim, às pessoas que tanto ajudaram nos meus crescimentos pessoais e profissionais, bem como Rosilene Araújo Farias, Fátima Bandeira, Edaize Myvano e Eliete Gaspar.

AFLIÇÃO

*Aflição de ser eu e não ser outra
Aflição de não ser, amor, aquela
Que muitas filhas te deu, casou
donzela
E à noite se prepara e se adivinha
Objeto de amor, atenta e bela.*

*Aflição de não ser a grande ilha
Que te retém e não te desespera.
(A noite como fera se avizinha)
Aflição de ser água em meio à terra
E ter a face conturbada e móvel
E a um só tempo, múltipla e imóvel
Não saber se se ausenta ou se te
espera.*

*Aflição de te amar, se te comove
E sendo água, amor, quiere ser
terra.*

(Hilda Hilst)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) objetivou, geral e especificamente, analisar as obras literárias de Hilda Hilst, compiladas no livro *Pornô Chic* (2014): “O Caderno Rosa de Lori Lamby”, “Contos d’escárnio – textos grotescos” e “Cartas de um sedutor”, no que tange os aspectos psíquicos referentes à condição feminina e à esquizofrenia, de acordo com a Psicanálise, ao passo que investigou estudos e interpretações de pesquisadores quanto às obras da Fase Obscena de Hilda Hilst, e, expendeu acerca dos principais pontos da relação entre Literatura e Psicanálise nos textos hilstianos, no que diz respeito às características psíquicas de condição feminina e esquizofrenia. A metodologia utilizada tem como objeto de estudo a obra citada anteriormente, portanto, trata-se de uma investigação definida quanto à natureza: básica, delineada, quanto procedimento técnico, como bibliográfica, e, caracterizada como uma pesquisa exploratória construída sob uma abordagem qualitativa, conforme a realização da consulta sobre metodologia da pesquisa científica em produções de Lakatos e Marconi (2003). Os fundamentos teóricos foram produzidos, consultando-se Bellemin-Noel (1983), Eanglenton (2003) e Villari (2000), entre vários outros. Portanto, concluiu-se que os aspectos referentes à condição feminina e à esquizofrenia, nos âmbitos psicanalíticos, são interpretados a partir de um estudo de revisão da reunião de informações e minuciosidades que o texto literário apresenta intencionalmente pelo seu criador, como é o caso da sagacidade e ousadia de Hilda Hilst em sua fase obscena fixada no livro *Pornô Chic*. em regra, se na Filosofia de René Descartes pensa-se, para logo existir, na Literatura de Hilda Hilst lê-se para logo interpretar.

Palavras-chave: Aspectos psíquicos. Literatura. Psicanálise. *Pornô Chic*. Hilda Hilst.

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper (TCC) aimed, in general and specifically, to analyze the literary works of Hilda Hilst, compiled in the book *Pornô Chic* (2014): "The Pink Notebook of Lori Lamby", "Contos d'escárnio - grotesque texts" And "Letters from a seducer", regarding the psychic aspects related to the female condition and schizophrenia, according to Psychoanalysis, while investigating studies and interpretations of researchers regarding the works of Hilda Hilst's Obscene Phase, and, explained about the main points of the relationship between Literature and Psychoanalysis in Hilstian texts, with regard to the psychic characteristics of female condition and schizophrenia. The methodology used has as object of study the work mentioned above, therefore, it is a defined investigation as to the nature: basic, outlined, as for technical procedure, as bibliographic, and, characterized as an exploratory research built under a qualitative approach, according to the consultation on the methodology of scientific research in productions by Lakatos and Marconi (2003). The theoretical foundations were produced, consulting Bellemin-Noel (1983), Eanglenton (2003) and Villari (2000), among others. Therefore, it was concluded that the aspects referring to the female condition and schizophrenia, in the psychoanalytic spheres, are interpreted based on a review study of the gathering of information and details that the literary text intentionally presents by its creator, as is the case of Hilda Hilst's wit and daring in her obscene phase set in the book *Pornô Chic*. as a rule, if in Philosophy of René Descartes one thinks, to exist soon, in Literature of Hilda Hilst it is read to interpret soon.

Keywords: Psychic aspects. Literature. Psychoanalysis. Chic Porn. Hilda Hilst.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Perfil de Hilda Hilst utilizado em capas de seus livros.....	31
Figura 2 – Hilda Hilst fumando e bebendo vinho durante entrevista.....	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1 AS PROFUSAS DEFINIÇÕES E AMPLITUDES DA LITERATURA.....	13
2.2 LITERATURA E SOCIEDADE: RELAÇÕES SOCIOLÓGICAS E HISTÓRICAS.....	18
2.3 LITERATURA E O SENSO CRÍTICO: FILOSOFIA E CIÊNCIAS.....	21
2.4 LITERATURA E PODER: OS VÍNCULOS COM AS ESFERAS POLÍTICAS.....	25
2.5 LITERATURA E CONSTITUIÇÕES PSÍQUICAS: PSICANÁLISE LITERÁRIA.....	27
3 METODOLOGIA.....	30
3.1 PROCEDIMENTOS E DADOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO.....	30
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	31
4.1 HILDA HILST: AS DIMENSÕES PSÍQUICAS NA PROSA PORNOGRÁFICA.....	31
4.2 TEXTANÁLISE: A FUSÃO ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE.....	34
4.3 A CONDIÇÃO FEMININA NA FASE OBSCENA DE HILDA HILST.....	36
4.4 A ESQUIZOFRENIA NAS ENTRELINHAS DA OBSCENIDADE HILSTIANA.....	39
5 CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) teve como objetivo geral expender acerca da relação entre Literatura e Psicanálise nas obras literárias compiladas no livro *Pornô Chic* (2014): “O Caderno Rosa de Lori Lamby”, “Contos d’escárnio – textos grotescos” e “Cartas de um sedutor”, da autoria de Hilda Hilst. Ademais, os objetivos específicos compreenderam: analisar, na escrita hilstiana, aspectos psíquicos referentes à condição feminina e à Esquizofrenia, observando-se dimensões dos estudos da Psicanálise, bem como, verificar análises e interpretações de estudiosos e pesquisadores quanto às referidas obras da Fase Obscena de Hilda Hilst.

A preferência pelo tema referido parte da seguinte problematização: inúmeras definições são atribuídas à Literatura, ainda assim, a mesma parece ser minimizada ao viés do entretenimento, que promove os objetivos de leitura das novas gerações de leitores. Dessa maneira, a Literatura é vista como instrumento essencial para entreter, quando, deveria, em todos os aspectos, instruir.

A mediação de leitura movimenta-se de acordo com o apelo popular, com as temáticas que levam apenas ao divertimento e lazer. Essa espécie de recreio literário não leva em consideração as amplitudes da Literatura, em especial as abordagens psicanalíticas, e configura o abandono do convite ao estudo e à reflexão acerca de conhecimentos mais abstrusos e relevantes.

Neste sentido, justifica-se que a Literatura proporciona o contato com diversas áreas da sapiência, em um caráter interdisciplinar. Portanto, a relação entre a Literatura e a Psicanálise é uma linha de pesquisa congruente para área da Licenciatura Plena em Letras, agregando a um dos seus âmbitos, a Literatura, análises relativas aos vínculos que o referente campo exterioriza. Dessa maneira, utilizam-se as obras de Hilda Hilst para averiguar tal relação. Ademais, os textos hilstianos denotam-se como objetos de estudo respeitantes a essa aproximação entre as duas áreas, com destino a manter a construção de conhecimento, e autoconhecimento, para estimular a reflexão crítica e o olhar arguto voltado para a Literatura.

Para realizar este estudo elaboraram-se as consecutivas questões norteadoras: 1- Qual a relação entre Literatura e Psicanálise? 2- Quais os aspectos psíquicos a serem identificados nas obras de Hilda Hilst, abrangidas por seu período denominado Fase Obscena, compiladas na edição *Pornô Chic* (2014)? 3- Quais as

características e conceituações de condição feminina e Esquizofrenia, segundo a Psicanálise? 4- Como as obras da Fase Obscena de Hilda Hilst foram interpretadas pela Crítica?

Sucessivamente, a metodologia tem como objeto de estudo a compilação de obras literárias no livro *Pornô Chic* (2014), conforme mencionado anteriormente. Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, quanto ao seu objetivo é exploratória e sua abordagem se define como qualitativa, a partir do procedimento técnico correspondente a uma pesquisa bibliográfica, por meio de levantamento teórico de livros, artigos, revistas, consultando-se, principalmente autores tais como: Bellemin-Noel (1983), Eagleton (2003) e Villari (2000), entre outros deste âmbito de pesquisa.

A estrutura do estudo compreende: introdução, apresentando os objetivos, problematização, justificativa e questões que designam a relevância desta para a área de formação; a fundamentação teórica, abordando as conceituações e proximidades da Literatura com áreas de extrema importância no desenvolvimento social e pessoal da humanidade; na sequência, apresenta-se a metodologia dessa investigação e os resultados e discussões com análises dos escritos literários, finalizando-se com a conclusão e reconhecimento das referências utilizadas na construção dessa análise.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 AS PROFUSAS DEFINIÇÕES E AMPLITUDES DA LITERATURA

Ao longo do tempo, a Literatura trilha caminhos amplos, e, em cada novo contexto histórico surgem iniciativas acerca do sentido de especificar suas definições, conceituando suas funções para a sociedade, haja vista que diversos estudos acerca da mesma são realizados frequentemente.

Consoante aos pensamentos de Eagleton (2006), os conceitos empreendidos no âmbito da teoria e crítica literárias discorrem que a Literatura, estudada por formalistas russos, é considerada uma organização particular da linguagem, com leis específicas, estruturas e mecanismos que devem ser analisados em si, observando linhagens estéticas.

Os conceitos que permeiam os âmbitos da Literatura buscam representar, ora de forma objetiva, ora subjetiva, os consensos referentes aos textos literários, os seus protocolos e códigos de registros e características em cada estética da ordem cronológica da Literatura.

Os estudos desta área de conhecimento costumam apontar que a Literatura pertence ao campo das artes, atuando, famigeradamente, como uma espécie de arte verbal. Consequentemente, sua valoração associa-se aos paradigmas estéticos, ao uso das palavras para desenvolver a erudição e a beleza da escrita. Posto isto:

A palavra Literatura só em época relativamente recente, desde metade do século XVIII, tem o significado que hoje lhe damos. Até aí, a palavra existia, mas com o sentido diferente: designava, de modo geral, o que estava escrito e o seu conteúdo, o conhecimento. [...] O vocábulo “literatura” durante o século XVIII, continuando ainda a designar o conjunto das obras escritas e dos conhecimentos neles contidos, passa a adquirir uma acepção mais especializada, referindo-se especialmente às “belas artes”, ganhando assim uma conotação estética e passando a denominar-se a arte que se exprime pela palavra (MATOS, 2001, p. 200).

O lexema literatura é apresentado pela primeira vez, na Língua Portuguesa, em um texto datado em 1510. Desse modo, os estudos etimológicos descrevem que seu significado parte do latim *literatura*, derivado de *littera*, cujo significado é letra (SILVA, 2007). Por conseguinte, a Literatura aparenta estar relacionada às palavras escritas, aos códigos literários e à arte de escrever.

Nesta mesma linha de análise, o autor supracitado afirma incisivamente que em meados do século XVIII, Voltaire e Diderot conceituam a Literatura como forma particular de conhecimento e levantam questionamentos sobre a mesma tratar-se, especificamente, da relação entre a arte e as palavras. Desta maneira:

Dois novos e importantes significados com que o lexema literatura será crescentemente utilizado a partir da segunda metade do século 18: específico fenômeno estético, específica forma de produção, de expressão e de comunicação artísticas [...] e *corpus* de objetos – os textos literários – resultante daquela particular atividade de criação estética (SILVA, 2007, p. 6).

Aponta-se que, ao exprimir o significado de arte através das palavras, a Literatura, desde cedo, é vista como um registro histórico e social de um determinado país. Transformar-se, portanto, em um coletivo de obras literárias gerais, nos campos da História, Ciências e Filosofia, para designar o conjunto de produções literárias.

“Tanto no Formalismo Russo como no *New Criticism*, a função poética é a que coloca o acento sobre a sua própria mensagem” (TODOROV, 1978, p. 18). Portanto, o referido autor insiste que, mesmo com todas as definições e conceitos acerca da crítica e produção literárias, a Literatura é uma linguagem fora do alcance instrumental ou de especificações, de modo que seu valor reside nela própria.

O movimento *New Criticism* é caracterizado como uma vertente que rejeita a análise literária a partir de contextos sociais e culturais e da investigação de tipo biográfico ou histórico. Este atribui à Literatura apenas aspectos textuais e valores estéticos, como meio de estudos técnicos. Entretanto, entende-se que “o texto é um conceito dentro da Literatura, agindo como efeito produzido pela escrita que se utiliza num dado contexto e com um dado fim” (LOPES, 2010, p. 5). Observou-se, a partir dessa rejeição, que não há uma análise contundente sem as abordagens que a Literatura alcança.

Retratar a Literatura como arte verbal que reproduz aspectos sociais, históricos, sociais e introspectivos da humanidade é uma linha de pesquisa que arrasta bases teóricas desde Platão e Aristóteles. Conforme afirma Lopes (2010), apresenta-se, a este propósito, que Platão expõe esse conceito na obra República, de forma bastante depreciativa, quando descreve a literatura (e também a pintura) como imitação afastada da realidade.

Dado este pensamento, Danziger e Johson, (1974, p. 21) afirmam que tal avaliação de interpretação da literatura, levaria ao reconhecimento de que esta arte toca em dois pontos importantes: considerando em seu valor aparente, que a Literatura imita ou reflete a vida; ou seja, as expressões literárias trazem temáticas que consistem nas múltiplas experiências nas vivências dos seres humanos. “O segundo e importante ponto sugerido pela teoria da imitação é que a vida está sendo imitada no sentido de ser reinterpretada e recriada”.

Portanto, genericamente, a arte é uma imitação diferente, segundo o material que a utiliza; “a literatura é imitação pela linguagem, tal como a pintura é imitação pela imagem” (TODOROV, 1978, p. 15), ademais, para concluir: “a literatura é uma ficção que apresenta suposições do que pode vir a ser o real, eis a sua primeira definição estrutural” (*ibidem*, p. 16).

Dessa maneira, “a Literatura envolve-se nas dimensões: sociocultural, histórica e estética” (REIS, 2001, p. 23). Compreende-se que a Literatura é associada às condições institucionais da crítica literária. Os questionamentos acerca de obras, por exemplo, ou a indagações sobre o que é literatura, o que pode ser considerado literatura, os registros de civilização e os registros poéticos, ou os dois em junção, como produziu Camões.

Os conceitos acerca da Literatura dirigem-se a prismas investigativos distintos, mas ao final de tudo, as produções são analisadas conforme a hierarquia de produção (autores), de analisadores (crítica literária) e receptores (leitores). Concordando com esta reflexão, Agenot (1995) discorre que literatura não é senão aquilo que uma dada sociedade trata como literatura, discussão que carrega opiniões diferentes em escritos de estudiosos desta área.

“O resultado das características da Literatura é uma teia subtil de jogos, significações múltiplas, ambiguidades e críticas analíticas nas produções literárias” (MENEZES, 1993, p. 20). Em suma, as funções da Literatura são implicadas nos valores gramaticais, de construção e sentido lógico, o valor fonético, de ritmo, e, também, valor estilístico, de emoção e qualidade espiritual e psicológica; de tudo aquilo que é possível interpretar e construir nos processos de imaginação e reflexão.

A Literatura, além de representar um povo e uma cultura em suas respectivas épocas, também se associa à construção histórica e social da humanidade, participando, também, das constituições da condição introspectiva do indivíduo. Dessa maneira, conforme Candido (2004), a Literatura proporciona aos homens a

aproximação com diversas áreas do saber, tornando-se um instrumento poderoso de instrução e educação, proposta como equipamento intelectual e afetivo. Posto isto:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os aspectos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2004, p. 176).

Contudo, compreende-se que se vive, hodiernamente, em uma época digital e virtual, onde todos os conhecimentos descobrem significados tecnológicos e usufruem da disposição desses avanços. Eco (2003) afirma que se vive uma era do hipertexto eletrônico, o qual possibilita a prática de uma escrita inventiva, advindas de outros países, mesclando realidade e ideais imaginários, modificando as histórias que já existem.

Nesse ângulo, “a narrativa hipertextual pode nos educar para a liberdade e para a criatividade, mas os contos ‘já feitos’ nos ensinam a viver e a morrer, e essa é uma das principais funções da Literatura” (ECO, 2003, p. 23). Desse modo, o autor ressalta que não define como ruim as novas abordagens da literalidade e sua representatividade no mundo virtual das gerações atuais, mas que essas espécies de jogos de escrita não substituem as reais contribuições da Literatura para a humanidade.

Os estudos literários apontam diversas relações da Literatura com as demais áreas de conhecimento. À vista disso, “a Literatura perdura com o caráter educativo, reajustando à reflexão os conteúdos valiosos dos saberes das civilizações para a captação dos valores humanos, e de suas disposições emocionais” (ZIBERMAN, 1990, p. 18). Consequentemente, os estudos literários são materiais importantíssimos para muitos trabalhos dos vastos âmbitos de conhecimento, ao passo que estas outras áreas apresentam-se como significativas nos registros das estéticas literárias.

A Literatura objetiva, de forma esclarecedora, informar e introduzir o sujeito social como indivíduo reflexivo. Destarte, o desenvolvimento emocional e sensível dos seres humanos está diretamente ligado aos conhecimentos que estes adquirem através da leitura literária, para, então, atribuir ao texto suas concepções extralinguísticas e refletir sobre a realidade. Logo:

O homem sabe sentindo e sente sabendo, ou seja, é sua consciência reflexiva que o faz ver e sentir ao viver a experiência com as artes e a Literatura. Ele cria o símbolo e o significado a partir da visão. O mundo de símbolos e significados criados conduz à cultura (BRANDÃO, 2017, p. 37).

Nesta perspectiva, a Literatura é apontada como a forma mais eficaz de construção cultural. Desse modo, esta construção, imprescindivelmente, necessita de bases em diversas áreas de saberes. Quando se assiste a uma série que tem como temática principal a medicina, por exemplo, aprendem-se jargões dessa profissão, compreende-se melhor sobre as expressões técnicas e reflete-se sobre como seria a cena de uma cirurgia, desde os aparatos médicos às emoções dramatizadas pelos atores.

O mesmo acontece ao lerem-se obras que retratam períodos históricos, que realizam apontamentos físicos e científicos. A Literatura associa-se aos temas externos, às inúmeras linhas de pensamento e pesquisa para, então, participar da construção cultural da sociedade. Deste modo, “o externo importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, internos” (CANDIDO, 2006, p. 9). Afinal, a Literatura registra não apenas, historicamente, as normas sociais e morais de um povo, mas as particularidades e características assertivas dos indivíduos inseridos neste meio.

Portanto, “se examino o horário dos trens não para descobrir uma conexão, mas para estimular minhas reflexões gerais sobre a velocidade e a complexidade da vida moderna, então poder-se-ia dizer que o estou lendo como literatura” (EGLEATON, 2003, p. 12). Em síntese, a amplitude da Literatura faz com que as análises literárias sejam realizadas de acordo com todas as relações possíveis.

A literalidade, nessa perspectiva, não aparenta ser definida por conceitos fixos e específicos, ou, até mesmo por verbetes dos dicionários. Em Navas (2020) Compreende-se, que a Literatura explica o que foi o mundo, o que ele pode estar sendo e como, utopicamente ou não, ele pode ser no futuro.

Nessa lógica, a Literatura passa a constituir relações com áreas de pesquisas e estudos que se preocupam em explicar a sociedade e os indivíduos que a constituem. De acordo com Gaudez (2015), essa aproximação faz com o desenvolvimento das pesquisas científicas adotem a reflexão de relações entre os âmbitos que vagueiam entre a realidade e o fictício, entre o sócio histórico e o pessoal.

2.2 LITERATURA E SOCIEDADE: RELAÇÕES SOCIOLÓGICAS E HISTÓRICAS

A tradição literária da escrita oportuniza aos estudiosos e pesquisadores a investigação sócio histórica da sociedade. Neste contexto, entende-se que os fatos históricos da sociedade são analisados de acordo com as relações estabelecidas entre fenômenos sociológicos explicados e descritos pela própria Sociologia. Explica-se que:

Não se pode negar que o interesse pela literatura demonstrado por um diversificado leque de disciplinas é expressão inequívoca da sua complexidade como fenômeno social, portanto, de sua riqueza como fornecedora de questões não só sobre o mundo social, mas sobre a sociologia como forma de conhecê-lo (TEXEIRA, 2018, p. 18).

Os objetos sociológicos são como dados interpretativos para a Literatura, os processos que resultam nos conflitos de classe e moralização, na vida do homem como ser social e nas abordagens amplas de cada sociedade, em todas as estéticas literárias e suas transições, resultam em uma vertente passível de análise.

English (2010) ressalta que, a Sociologia em relação com a Literatura, fornece o relato de textos e produções literárias com uma densidade significativa de forças sociais, dos significados e particularidades de efeitos da circulação de paradigmas éticos e morais representados e criticados por escritores que pareciam estar, como popularmente citam, a frente de seus tempos.

Em conformidade com os estudos de Gaudez (2015), as análises referentes à Sociologia trabalharam para a institucionalização da disciplina Sociologia da Literatura, campo que estuda os domínios e subdomínios das duas áreas de conhecimento em conversação. Os estudos deste campo dedicam-se às investigações da dimensão epistêmica da Literatura e destacam os ares da metacrítica literária.

Ao passo que a Literatura atua como reflexo da sociedade termina por enfatizar os acontecimentos sociais e históricos de determinada época. Desse modo, acompanha gradativamente a modificação existente no decorrer do tempo. Desta maneira, é possível notar as diferentes concepções de valores éticos e de posicionamentos críticos dos autores nas diferentes escolas literárias.

Segundo Santana (1990), as narrativas procuram refletir a organização e a aparência da sociedade, suas peculiaridades e comportamentos, comprovando que o

mundo exterior pode ajudar a conhecer e interpretar os seres humanos, também de modo individual.

Para exemplificar esta visão analítica cita-se o conto *A Causa Secreta* (1885), de Machado de Assis, pertencente à estética literária do Realismo, no Brasil, iniciado em 1881. Neste texto machadiano, percebe-se que o leitor é inserido em um contexto fictício que não está distante do contexto social de suas vivências diárias.

Os personagens desta obra literária são caracterizados como pessoas da respectiva época. Toma-se, por um lado, a ironia crítica para retratar os atos dos mesmos, refletindo sobre a hipocrisia que permeava uma sociedade baseada em cultivar valores éticos, morais e de poder aquisitivo.

O homem realista é visto como um objeto para estudos literários e sociais por esconder-se em uma demasiada ordem de compromissos e ações consideradas certas. Tais características não buscavam manterem-se presas apenas nos fatores coletivos da sociedade, e sim “aos processos interiores, culminando no uso da análise psicológica dos personagens da narrativa realista, encontrada frequentemente nas obras machadianas” (BOSI, 1994, p. 181). Desta forma, discute-se que:

O Positivismo do Realismo é frequentemente visto na importância atribuída à ciência, características presentes nos contos e romances de Machado de Assis, enquanto o Determinismo, seu fiel companheiro, apresenta o indivíduo como alguém que se adequa às mais diversas manifestações e se porta de acordo com elas e daquilo que espera delas, principalmente vantagens que deseja encontrar e tomar para si perante tais circunstâncias (OZELAME; NASCIMENTO, 2016, p. 118).

Bosi (1994) também discorre que estes casos de personagens estudados a partir da sociedade para, em seguida, dominar a habilidade da análise psicológica humana são os produtores dos discursos que de um todo é possível fragmentar várias inquietações e personalidades. “Observam-se de maneira investigativa atitudes humanas, fazendo uma busca pela verdadeira essência do ser humano que está em meio a um conflito de vários elementos” (OZELAME; NASCIMENTO, 2016, p. 120). A Literatura coloca a sociedade em processo analítico constantemente, esmiuçando conceitos morais, tradicionais e introspectivos.

Os estudos demonstram que esta visão acerca do homem reforça as ideias da personalidade humana como fruto de forças da vida em sociedade. Desse modo, os julgamentos sociais e os padrões de comportamento assumiam o poder sob os indivíduos. Ressalta-se ainda que:

A descoberta do rapaz alegre e mais tarde burguês comedido que procurava ajustar-se às manifestações exteriores que passou convencionalmente pela vida, respeitando para ser respeitado, funcionava um escritor poderoso e atormentado, que recobria os seus livros com cutícula do respeito humano e das boas maneiras para poder, de baixo delas, desmascarar, investigar, experimentar, descobrir o mundo da alma, rir da sociedade, expor alguns componentes mais esquisitos da sua real personalidade (CANDIDO, 1995, p. 3).

A partir das ideias apresentadas anteriormente, compreende-se a importância do diálogo entre a Sociologia e a Literatura. Em síntese, ambas realizam investigações minuciosas sobre as propostas de fatos sociais e suas implicações para os estudos literários de cada estética na Literatura.

Equitativamente, a História oportuniza aos estudos literários o caminho para encontrar modos de explicar o presente, com bases e referências do passado. Utiliza-se, portanto, estratégias retóricas para colocar em forma de narrativa os fatos históricos que são pertinentes aos homens de cada época. Borges (2010, p. 94) define esta relação como:

Sendo a História um processo social e disciplina, e a Literatura, como uma forma de expressão artística da sociedade possuidora de historicidade e como fonte documental para a produção de conhecimento histórico, evidenciamos a obra literária como o instrumento para desvendar o imaginário de cada época, sendo fonte para a História.

Tanto a História quanto a Literatura “correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral” (PESAVENTA, 2006, p. 2). Fala-se, comumente, de livros atemporais, de história e dados universais, como ocorreu com os acontecimentos do Holocausto¹, em 1941, por exemplo, que se tornou material histórico para diversas obras literárias com bases nestes fatos históricos.

Ribeiro (2000) salienta que a Literatura é uma instituição social e histórica viva. Desta maneira, a realidade transcende o texto para assumir o discurso, e, essas inúmeras dimensões de estudo. Conforme já mencionado:

¹ O Holocausto consistiu no genocídio de aproximadamente seis milhões de pessoas, a maioria judeus, durante a Segunda Guerra Mundial; é um termo em hebraico reservado à significação do sacrifício animal que era oferecido a Deus no Antigo Testamento.

São muitas as questões que articulam o debate, que aproximam e entrecruzam as narrativas históricas e literárias, entendendo-as como discursos que respondem às indagações dos homens sobre o mundo, em todas as épocas. Narrativas que respondem às perguntas, expectativas, desejos e temores, sobre a realidade, a História e a Literatura oferecem o mundo como texto (PESAVENTO, 2006, p. 32).

Em continuidade aos apontamentos de Pesavento (2006), o diálogo fluido e persistente entre a Literatura e a História é um campo de pesquisa que se desenvolveu expressivamente no Brasil a partir de 1990. Hoje, trata-se de uma temática promissora em relação às pesquisas e textos científicos publicados.

Sucessivamente, afinal, as discussões que dizem respeito tanto à História e à Sociologia quanto à Literatura seguiram as abordagens estruturais da sociedade, seus povos, suas características e desenvolvimento reflexivo nos conhecimentos concernentes às correntes filosóficas e científicas, apresentadas a diante, e sua literalidade cultural. Desta forma, as aproximações das áreas supracitadas conquistam espaço significativo nas análises acadêmicas e técnicas.

2.3 LITERATURA E O SENSO CRÍTICO: FILOSOFIA E CIÊNCIAS

Os questionamentos acerca dos tipos de saberes resumem-se, principalmente, aos conhecimentos científicos, bem como os estudos da Física e da Biologia, e as teses de cunho filosófico que discorrem acerca de conhecimentos empíricos e estuda a natureza da existência humana.

As estéticas e escolas literárias demonstram, em suas características, as inclinações para os estudos científicos, por vezes identificados com temática relevante para a poesia e prosa, esta importância é confirmada no gênero Ficção Científica, o qual resulta na relação entre conceitos imaginativos acerca da ciência e da tecnologia.

No que diz respeito à Filosofia, Magalhães (2009, p. 48) enfatiza a constatação de que a relação entre filosofia e literatura não se restringe às formas literárias da Filosofia ou à influência desta na Literatura. Há momentos de verdadeira fusão entre uma e outra e nisto consiste também parte da história de ambas.

Em Gagnebin (2004) é discutida a comum problemática entre analisar a imersão da Filosofia na Literatura ou o contrário. Esta situação é abordada a partir dos encontros de teorias e doutrinas filosóficas na obra de um escritor ou poeta. De acordo com esta autora, os conteúdos filosóficos presentes nas obras são transformados em

conteúdos literários. Realiza-se uma proximidade tão significativa que, ao ler as obras, percebe-se um teor totalmente filosófico.

Conforme essa constatação depreende-se que, mesmo não explicitamente, os textos filosóficos que buscam descrever a humanidade e seus pensamentos têm mais poesia do que realmente imagina-se. Do mesmo modo, na poesia e na prosa, das distintas estéticas literárias, a Filosofia comporta-se com condutora de muitos ideais autênticos descritos e apresentados na Literatura.

Nesse sentido, o ato de pensar, refletir e questionar as relações, o sentimentalismo e as imposições sociais não se realiza sem a construção da comunicação. Portanto, antes de todo e qualquer avanço tecnológico, a base desta está nos textos, nas informações circuladas em forma de obras literárias.

Consequentemente, “não se trata de estudar alguns aspectos formais episódicos, mas sim de refletir sobre este estatuo ambíguo do discurso filosófico, e, explicar a íntima relação entre formas de exposição” (GAGNEBIN, 2004, p. 20). A Filosofia, assim como a Ciência, há muito busca explicar a existência, a vida em social e individual, e a Literatura agiu, e age até os dias atuais, como apoio e prosseguimento destes estudos e análises.

Os estudos filosóficos, desde cedo, também almejam uma forma de apresentar seus resultados para a sociedade. De acordo com Gagnebin (2004), pode-se pensar na construção de reflexão a partir de um personagem, como personificou Platão em seus textos chamados de Diálogos. A literalidade utilizada pelos estudiosos e filósofos justifica o fato de expressar a Literatura como caminho para o conhecimento, como forma de apresentação de conteúdos filosóficos em prosa e poesia para os diversos públicos.

Ademais, diversos autores deste campo filosófico exprimem no verbo filosofar uma ação de incentivar o homem a buscar os conhecimentos referentes ao exterior, sua sociedade, e ao interior, seu processo reflexivo e introspectivo, para, neste procedimento, compreender os sentidos existenciais. Leva-se em consideração esta perspectiva para ressaltar a importância da Literatura neste processo com o pensamento de Petronílio (2011, p. 57):

É a Literatura a quintessência da vida. Quem escreve faz um pacto com a linguagem. Pactuar é dar certo sentido à vida. Escrever é dar sentido à vida. É a própria vida que flui na escrita e faz com que o homem se redescubra e se reconheça no processo de criação. Criar é aligeirar, é descarregar a vida. É inventar novas possibilidades de vida.

Por esse ângulo, conforme Ganegbin (2004), em toda a história da estruturação da Filosofia encontram-se aproximações com a Literatura. Desde o nascimento dos estudos filosóficos se reconhece as inclinações para a literalidade, mas de forma imprecisa, inclinações também para a Ciência, denunciando uma linha tênue entre os dois tipos de saberes e a Literatura:

Quando se aproxima demais da poesia, a filosofia envereda novamente para o lado da Ciência – e quando esta última ameaça abocanhá-la, ela se volta novamente para uma dimensão de sabedoria mais poética. Esta observação tem o mérito de apontar para a ambiguidade da atividade filosófica, desde seu início grego (GANEGBIN, 2004, p. 13).

Nesse contexto, as aproximações entre a Ciência e a Literatura ocupam um espaço expressivo nos estudos destas áreas. “Poderíamos, antes de evidenciarmos pontos de contato específicos entre a literatura e a ciência, entrarmos em contato com textos em que as duas áreas se fundem e se confundem” (NAVAS, 2020, p. 5). Identifica-se que em diversas obras literárias são destacadas a presença da Ciência e das abordagens científicas de cada período histórico. Na Literatura Universal, tem-se o exemplo da obra *Cem Anos de Solidão*, publicada em 1982.

Na referente obra, os personagens, apresentados por Gabriel García Márquez compõem uma família que em todas as gerações parece não conformar-se com a realidade, a qual não favorece esta. No decorrer do enredo, o autor adota personagens que são os informantes dos avanços tecnológicos e científicos da época:

A ciência eliminou as distâncias”, apregoava Melquídes. “Em breve o homem poderá ver o que se passa em qualquer lugar da Terra, sem sair de sua casa”. Em certo meio-dia abrasador, fizeram uma assombrosa demonstração com a lupa gigantesca: puseram um monte de erva seca no meio da rua e atearam-lhe fogo pela concentração dos raios solares (MARQUES, 2003, p. 3).

Na continuação do enredo, é possível que o leitor acompanhe a evolução do conhecimento científico a partir da descrição de instrumentos tecnológicos e explicações com cunho científico para os fenômenos que permeavam o dado período histórico:

As crianças haveriam de recordar para o resto de suas vidas a augusta solenidade com que o pai se sentou à mesa, trêmulo de febre, devastado pela prolongada vigília e pelo ardor da sua imaginação e lhes revelou a sua descoberta: “A Terra é redonda como uma laranja. A Terra é redonda!” (MARQUES, 2003, p. 12).

Nessa perspectiva, no prosseguimento do enredo que se passava em uma cidade fictícia, a leitura desta portentosa obra faz que os leitores percebam as associações que o autor estabeleceu entre Ciência e Literatura, não só pela apresentação dos objetos e descobertas científicas, mas, principalmente pelos valores atribuídos à Ciência em uma sociedade incrédula na mesma. Tanto que, os personagens que investigavam os métodos científicos eram, ligeiramente, apontados como ciganos.

Carneiro (2014) enfatiza que nenhum campo de saber e pesquisa contem toda a realidade. Posto isto, entende-se que a física dos estudos científicos trabalha com abstrações da realidade para estudar e comprovar os fenômenos que tangem o universo. Na Literatura, os romances da ficção científica, distopias e utopias, também desempenham este papel.

Outro aspecto relevante é que, há muito, “a Ciência não presume verdades absolutas acerca dos fenômenos e fatos, mas se restringe a fazer hipóteses que servem, precária e temporariamente, como teorias” (NAVAS, 2020, p. 8). Nessa visão, o trabalho científico é relativamente teórico, denso, prologando, e, por isso, abre espaço para a criatividade. Assim como o teor filosófico, os estudos científicos são levados à sociedade, na maioria dos momentos históricos, pela literalidade. A partir disso:

A complementariedade entre literatura e ciência pode ainda ser concebida se considerarmos que enquanto a ciência, comumente, se centra no como, no modo de fazer as coisas e, não necessariamente no porquê – o que pode gerar alienação –, a literatura e as artes em geral, desconhecendo o como, busca compreender o porquê e o para quê. Se considerarmos que a ciência, cada vez mais, tem se instrumentalizado, a literatura continua a experimentar um pouco mais de liberdade, experimentando e fazendo o trabalho da ciência: pesquisar, encontrar novas hipóteses, novas soluções, novos mundos para o homem. Por isso, para Patrícia Portela, escritora e cientista portuguesa, a literatura é a mais pura ciência dos nossos campos das palavras (NAVAS, 2020, p. 11).

Compreende-se, dessa forma, que apenas o conhecimento dividido em partes, em teorias distantes, não é suficiente para averiguar as inquietações humanas. Conforme Morin (1991), estas aproximações de correntes de estudo e pesquisa

fortalecem a busca investigativa da humanidade, consolidam não nossas crenças, mas nos pensamentos e ações, que são o que realmente caracterizam a complexidade psicológica da existência e da natureza humana.

2.4 LITERATURA E PODER: OS VÍNCULOS COM AS ESFERAS POLÍTICAS

Os estudos de Aristóteles apontam que o homem, para descobrir seus desejos e felicidade, deve participar da política de seu povo, das organizações das doutrinas sociais, e, a partir desse pensamento surgiu o argumento de que o homem é um ser político por natureza. Nesse sentido, pode-se dizer que a pessoa política é separada da pessoa escritora na Literatura? Ou os estudos literários limitam-se ou omitam-se ao falar do poder?

Consoante aos pensamentos de Estevam (2011), a Literatura parte de uma determinada estrutura de poder, mas a mesma trata-se da utilização da linguagem não submetida politicamente ao poder. Identifica-se certa confusão na reflexão sobre este argumento, mas, compreende-se que os escritores literários escrevem de acordo com suas realidades e com a realidade dos que os cercam, mas não podem explicitar suas indagações políticas em todas as obras, ou para todos os públicos, vivendo, historicamente, momentos de censura. Ademais:

Impossível separar o homem político do escritor, pois este deve escrever suas experiências calcadas na realidade, mesmo que o conteúdo de sua ficção possa estar distante no tempo e no espaço. O escritor assume a responsabilidade de seus leitores não concordarem com seus ideais, por isso também utiliza os personagens como emissor da mensagem, mesmo que isso aparente, de certa forma, covardia (ESTEVAM, 2011, p. 10).

Na Literatura, percebemos as mensagens do autor nas entrelinhas, muitas vezes tratam-se das suas próprias experiências. Em outros casos, tratam-se das experiências da sociedade em que o mesmo vive. Chico Buarque, por exemplo, em seu livro “Leite Derramado” (2009), utiliza o relato memorialístico de um personagem, identificado como Eulálio, para denunciar uma microssociedade particular e privada e uma macrossociedade pública, expendendo acerca das mazelas políticas que assolaram a construção histórica da política no Brasil.

De acordo com Holanda (2014), o Brasil tem um povo vincado ao patriarcalismo, mas também ao personalismo, herdados dos povos ibéricos, fato que

faz com que os escritores, por vezes, sejam vistos como ativistas na Literatura, mesmo que não cite abertamente seus partidos políticos ou suas ideias classes.

Na obra de Chico Buarque, interpretam-se os recursos textuais utilizados para discorrer sobre sociedade e política. Contudo, compreende-se que não se trata da realidade pessoal do autor, mas da exposição de suas reflexões sobre o que o mesmo sente ao conviver com determinadas situações e como este julga que os outros também se sintam. Trata-se, portanto, do engajamento, social, e principalmente político, na Literatura.

Para Estevam (2011), as crenças e convicções dos autores sempre vão transparecer em seus textos, por outro lado, as dos leitores podem aflorar a partir deste contato. O autor também afirma que cada pessoa verá os personagens de uma forma, mas que durante a leitura os esclarecimentos serão os mesmos. Portanto, é possível que estudantes do ensino básico entendam sobre política partidária, sobre filiação em partidos, ideologias, poder e contra poder, a partir da leitura de romances como o de Chico Buarque, entre outros com esta roupagem.

O dramaturgo, novelista e crítico literário Gao Xingjam, durante o discurso do Prêmio Nobel de 2000, leu um de seus textos, originalmente escrito em chinês e transcrito com tradução em português no Jornal *O Estado de São Paulo*, em 2011, no qual o autor reflete sobre as problemáticas e vínculos entre a Literatura e o poder das esferas políticas:

Hoje em dia é bastante comum que os intelectuais debatam a política, mas a não ser que a pessoa se envolva pessoalmente com a política e se interesse por conhecer seus requisitos, esse debate não costuma ser mais do que um discurso vazio de impacto mínimo na situação política da sociedade. Para um escritor comprometido com a literatura e ansioso por influenciar na política, a situação é duplamente mais difícil, e esse é o estranho dilema que a literatura enfrenta ao se envolver de forma tão profunda com a política. Entretanto, a política não está preocupada com esse dilema da Literatura, nem com as ideologias dos textos literários. Caso venha à tona um conflito entre esse ou aquele ismo e os interesses reais da política partidária, o partido acabará deixando de lado a teoria reflexiva dos escritores. Até que a literatura desencadeie uma série de movimentos sociais também. Quando os clubes de livros vão às ruas, não silenciam, vemos a mudança, mesmo depois do extremismo (XINGJAM, 2000, *apud* JESP, 2011, p.13).

Observa-se, que a partir da escrita literária, os autores também ganham o poder de ação, através da Literatura os escritores descrevem a humanidade e a sociedade, também esclarecem para o leitor a relatividade do politicamente correto. De acordo com Estevam (2011), a Literatura purifica e dá poder aos autores através da escrita

literária. A literatura como voz individual, então, pode ser registro de passado e uma aposta de mudanças no futuro.

Dessa maneira, é notável a importância do debate político na Literatura e a extrema significação da esfera política para as teorias literárias. Segundo Eagleton (2003), esta discussão é necessária para toda e qualquer concepção de teoria literária, pois a Literatura e a Política partem do princípio de organização e estruturação social, e, ambas tentam explicar estes fenômenos.

Em síntese, depreende-se que Literatura além de distribuir poder àqueles que a praticam, também desafia o poder, culminando em obras engajadas, em romances militantes e romances armadilhas, que “em lugar de um simples cenário ou pano de fundo, elegem a política como razão da obra inteira, para encobrir ou descobrir as mensagens político-partidárias” (ESTEVAM, 2011, p. 15). Dessa maneira, o sistema literário de especulações, curiosidades e reflexão, traz ao homem o poder do conhecimento, o mais importante entre todos, mas abre espaço para as análises psíquicas e introspectivas sobre a existência e o sentido dela em todos estes vieses.

2.5 LITERATURA E CONSTITUIÇÕES PSÍQUICAS: PSICANÁLISE LITERÁRIA

As contribuições da Literatura para a Psicanálise são justificadas através dos estudos das obras literárias, prismas analíticos que oferecem ao entendimento psicanalítico informações para ampliar a compreensão a respeito dos comportamentos da psique humana.

Concordando com esta importante relação, Birman (1991, p. 106-107) discute o seguinte ponto: “esta articulação entre o saber psicanalítico e tradição literária é um tópico fundamental, uma das condições de possibilidade para que se empreenda a metodologia psicanalítica”. Outrossim, Eagleton (2006) argumenta que a leitura e crítica psicanalíticas das obras literárias pode ser voltada para o conteúdo, com abordagens sobre as motivações inconscientes dos personagens ou a significação psicanalítica de objetos, situações e acontecimentos do texto.

Com o desenvolvimento e instrumentalização dos métodos de pesquisa, a sociedade caminhou para diversos âmbitos, tais quais se apresentaram anteriormente. Nos campos dos estudos literários foram emersas inúmeras vertentes, que, organizadamente, consolidam a relação entre a Psicanálise e a Literatura. Desse modo:

Sugerimos haver uma relação entre a evolução da moderna teoria literária e a agitação política e ideológica do séc. XX. Essa agitação, porém, nunca é apenas uma questão de guerras, de depressões econômicas e de revoluções: ela é sentida pelos que nela estão envolvidos também de maneira profundamente pessoal. Ela é tanto uma crise das relações humanas e da personalidade humana, quanto uma convulsão social. Isso não quer dizer que a ansiedade, o medo da perseguição e a fragmentação do eu sejam experiências peculiares ao período que vai de Mathew Arnold a Paul de Man: elas persistem por toda a história conhecida. O que talvez seja significativo é o fato de, nesse período, tais experiências se constituírem de uma maneira nova, como um campo sistemático de conhecimento. Esse campo é chamado de psicanálise e foi desenvolvido por Freud na Viena de fins do séc. XIX (EAGLENTON, 2006, p. 209).

Os contextos históricos, os fatos sociais, o teor filosófico e as abordagens científicas partem do exterior para o interior, analisa-se gradativamente a humanidade, de sociedade até indivíduo particular. Dessa maneira, explica-se que:

As formas de Freud aproximar-se da Literatura, e da arte em geral, é tomando-a como campo de investigação, enquanto textualidade, a partir da qual poder-se-ia dizer sobre o real, que ele próprio – com elementos disponíveis na teoria psicanalítica – não poderia atingir. É um momento em que se convoca a Literatura para dizer aquilo que a Psicanálise não alcança. Trata-se também de uma forma de abordagem partilhada com referência à utilização do mito na Psicanálise; na medida em que, quando o limite da construção da teoria se impõe, a recorrência ao discurso fictício – e literário – propicia o relançamento da elaboração teórica psicanalítica para estudar o sujeito individualmente (VILARI, 2000, p. 4).

Dessa maneira, compreende-se que Freud, assim como outros estudiosos mais atuais da Psicanálise vislumbram métodos aprofundados para estudar a existência humana em sociedade, mas quando se trata da investigação introspectiva, as abordagens são associadas, incisivamente, à Literatura. Vilari (2000, p. 4) continua discutindo que:

Vemos como Freud cria o que nos parece constituir duas vertentes que reduzimos a dois movimentos de investigação trilhados e privilegiados em diferentes períodos históricos até os dias atuais. Quer dizer, por um lado parece estabelecer-se entre a Literatura e a Psicanálise uma relação aditiva onde se tenta acrescentar sentidos ao texto literário a partir da interpretação psicanalítica. Por outro lado, apresenta-se uma atitude que poderíamos chamar de extrativa, interessada em procurar resgatar do literário a particularidade que pudesse nutrir a Psicanálise.

Nesta linha de estudo, “as análises são relações inauguradas com o pós-estruturalismo, período em que se exclui o autor do texto literário, abandonando o psicobiografismo e a psicocrítica” (BELLEMIN-NOEL, 1983, p. 67). Conforme Vilari

(2000), essa nova possibilidade de investigação ultrapassa os momentos históricos anteriores, onde se coloca o autor no divã, tentando-se diagnosticá-lo, construir sua biografia em comparação ao texto literário.

Entretanto, os novos métodos investigativos buscam no enredo, nos personagens e na apresentação da narrativa, identificar as relações e proximidades da Psicanálise com a Literatura. Ressalta-se que, “não se trata como no primeiro caso, de um exercício de Psicanálise aplicada, mas a procura do não sabido. Uma tentativa que pretende fazer falar o texto literário. Portanto, encontra-se em suas palavras aquilo que mal sabemos articular na teoria psicanalítica” (VILLARI, 2000, p. 7). Dessa maneira, a literalidade trabalha não apenas com os aspectos externos, aqueles que permeiam a vida social, familiar ou conjugal de um personagem, mas, também, os seus posicionamentos psíquicos.

A Literatura é apresentada como o caminho à disposição dos leitores para reconhecer e reagir ao mundo. Todorov (2009) afirma que a Literatura não nasce na lacuna e no volúvel, ela é o conjunto de visões compartilhadas como proposta de reflexão e análise dos leitores. Nesse contexto, a Literatura apresenta aos leitores verdades movidas pela intencionalidade e instruem para as verdades individuais de cada pessoa, uma ação psicológica e inconsciente, amadurecendo a memória, a sensibilidade e a as constituições psíquicas da humanidade.

Nesse sentido, o diálogo entre a Literatura e a Psicanálise será apresentado e discutido nos resultados do presente trabalho. Busca-se, desse modo, a análise do enredo e dos personagens, alcançando a textanálise, destacando a significativa importância dos escritos literários como meios de representar e explicar os aspectos psíquicos, concernentes à condição feminina e à esquizofrenia, referentes à Psicanálise.

3 METODOLOGIA

3.1 PROCEDIMENTOS E DADOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO

Compreende-se que para a obtenção de um olhar amplo acerca do tema e da problemática averiguada no presente estudo, almeja-se o alcance do desfecho analítico, para, desse modo, chegar à demonstração dos dados discutidos. Fez-se necessário, portanto, ajustar e organizar o estudo de acordo com os procedimentos metodológicos propostos e estudados por Lakatos e Marconi (2003).

Para estes, os fundamentos da pesquisa científica abordam elementos de importante significado na construção indutiva dos saberes. Destarte, a pesquisa em destaque: é de **natureza básica**, quanto ao seu **objetivo é exploratória**; e sua **abordagem** define-se como **qualitativa**, para a interpretação dos objetos de análises a partir da relação com os dados investigados.

À vista disso, o **procedimento técnico** fundamenta-se cientificamente como pesquisa **bibliográfica**, base para estudos desta natureza, a partir do levantamento teórico sugerido em livros, teses e artigos, entrevistas literárias, revistas, documentários e outros materiais semelhantes, na qual é necessária a conversação entre autores que discutem o tema abordado, citando-se Eagleton (2003) e Villari (2000), entre outros deste âmbito de pesquisa.

O referido estudo assumiu como corpora as obras literárias compiladas no livro Pornô Chic (2014): “O Caderno Rosa de Lori Lamby”, “Contos d’escárnio – textos grotescos” e “Cartas de um sedutor”, da autoria de Hilda Hilst. Ressalta-se que a referida pesquisa buscou analisar os dados coletados a partir da textanálise, defendida e explicada por Jean Bellemin-Noel (1983) que se trata, principalmente, de teorias de análise de narrativas baseadas na Psicanálise e nos transtornos mentais e de personalidade que a mesma estuda, os quais são abordados, em diferentes épocas, por obras literárias.

O cronograma de atividades para a elaboração e concretização deste estudo, transcorreu entre os meses de março de 2020 a janeiro de 2021, constituindo-se por: escolha do tema, elaboração do pré-projeto, orientação docente, coleta de material bibliográfico, leitura, fichamento do livro supracitado, com recorte dos fragmentados em diálogo analítico com o objetivo proposto.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 HILDA HILST: AS DIMENSÕES PSÍQUICAS NA PROSA PORNOGRÁFICA

Hilda Hilst, após o falecimento, recebeu inúmeras homenagens e depoimentos de amigos que conviveram e admiraram a carreira da mesma. No livro estudado na presente pesquisa, *Pornô Chic* (2014), há um capítulo complementar, intitulado *Fortuna Crítica*, em que reuniram-se tais depoimentos e apontamentos biográficos sobre a tão destemida escritora. Consoante a estes depoimentos, a ficcionista, dramaturga e poetisa Hilda de Almeida Prado Hilst, conhecida como Hilda Hilst, nasceu em Jaú no ano de 1930 e faleceu em Campinas, em 2004, com 73 anos de idade e ousadia. É considerada pela crítica especializada como uma das maiores escritoras do século XX, abordando temas como misticismo, libertação sexual feminina, aspectos psicológicos, insanidade, realidade fraturada e, principalmente, pornografia.



Figura 1 – Perfil de Hilda Hilst utilizado em capas de seus livros. Fonte: <http://www.curadoriahilst.com.br>

Hilda Hilst era filha de imigrantes portugueses, Apolônio Hilst e Bedecilda Vaz. Seu pai, também exerceu a escrita de poesia e ensaios até ser acometido por doenças imunológicas e distúrbios mentais. Em 1948, a escritora ingressou no curso de Direito

e formou-se na área, neste período conheceu Lygia Fagundes Teles, que se tornou sua grande amiga ao longo da vida, assim como Caio Fernando Abreu.

Hilda Hilst escreveu por quase cinquenta anos, tendo sido agraciada com os mais importantes prêmios literários do Brasil: *Prêmio PEN Clube* de São Paulo (1962), *Sete Cantos do Poeta para Anjos* (1963), *Prêmio Anchieta* (1969), entre diversos outros prêmios e dedicações de eventos. Recentemente, em 2018, foi escolhida como escritora homenageada no Festival Literário Internacional de Paraty (Flip).

A escritora, nos primeiros 27 anos escrevendo e desenvolvendo estudos literários, viu cristalizar-se em torno de si a legenda de uma autora de textos difíceis e impenetráveis, conquistando poucos leitores. Após arrastar esta imagem por 28 livros de poesia, ficção e teatro, decidiu, como a mesma citava em entrevistas, abandonar a seriedade e escrever “adoráveis bandalheiras”. Dessa maneira, Hilda Hilst anunciou sua conversão à pornografia, em 1990.

No entanto, conforme discorre Pereira (2006), a escrita desejante de Hilda Hilst vai além da sexualidade. A escritora utiliza técnicas de fragmentação e fluxo psicológico dos personagens para apresentar à sociedade, a partir da narrativa, uma experiência única do encontro com o feminino (as condições femininas na Psicanálise) e de reconhecimento das inquietudes humanas, mostrando aos modernos como se concebe a verdadeira realidade da mente, do interior e como essa introspecção faz com que o sujeito afasta-se das normalidades sociais, abordando, também, o distanciamento psicológico (aspectos da Esquizofrenia Paranoide).

Segundo os críticos, Hilda “estilhaçou o próprio prestígio”, ignorando o posicionamento dos estudiosos e editores e quis, de forma ousada e irreverente, oferecer ao público um estímulo mental, para que interpretassem, após o choque, que o sexo vem para chamar atenção, mas é o que está nas entrelinhas que conduz aos esclarecimentos.

Cristiano Diniz reuniu no livro “Fico besta quando me entendem” (2013), as entrevistas mais famosas e polêmicas da autora, almejando que o público compreende-se os motivos pelos quais Hilda Hilst desejou juntar sua erudição e inteligência à sexualidade da pornografia. Em uma das entrevistas, realizada originalmente em 19 de fevereiro de 1990, no Jornal do Brasil, Hilst declara:

“Estou cagando para o reconhecimento. Ninguém levava a sério a moça bonita, estudante de Direito, por exceção eu era tratada bem como escritora depois dessa reviravolta obscena. Antônio Candido, por exemplo, diz que gosta muito do que eu faço agora, mas me diz isso em segredo. Nunca escreve sobre isso. Mas, na verdade, a literatura ou é essencial ou não é nada. E eu acho fantástico reconhecer nas minhas obras o íntimo do consciente e inconsciente dos personagens, porque eles podem agir e pensar como você, como os meus leitores. (...) Me pergunto se a pornografia não seria o ultraje ao espírito do homem, seria uma coisa assim? Ninguém sabe como você é por dentro, só você. É assim também quando você se masturba, por prazer, ou tédio, inquietude, ansiedade. Talvez o obsceno profundo, que seria um enfoque, seja aquele em que a lucidez é tão grande que a coisa fica obscena, louca, paranoica. E escrevendo sobre isso eu não posso mentir, a única coisa não é permitida na Literatura é mentir”.

Desse modo, Diniz (2013) discorre que Hilda Hilst vislumbrou na Literatura uma tentativa de conversar com a sociedade sobre a insanidade e as digressões que a própria humanidade apresenta, mas todos fingem não perceber, mas precisou utilizar o humor e a obscenidade como transporte. Diniz (2013, p. 28) ressalta ainda que: todo mundo tem medo de nomear o corpo humano da cintura para baixo, ninguém fala de sexo ou conhece seu corpo de verdade. Imaginem como tratam suas mentes, as aflições, as agonias psicológicas.

Ainda no capítulo “Fortuna Crítica”, Humberto Werneck cita depoimentos de Lygia Fagundes Telles e Caio Fernando de Abreu sobre Hilda Hilst. Segundo Lygia Fagundes, a autora chamava atenção, e não apenas por fumar de piteira e esbanjar palavrões, muito anos antes das feministas. A escritora afirma que Hilda era emancipada, não esperava ser acolhida por homens e sempre tinha uma opinião sobre a política e a sociedade.



Figura 2 – Hilda Hilst fumando e bebendo vinho durante entrevista. Fonte: <https://curadoriahilst.com.br>

Caio Fernando de Abreu também comenta no capítulo Fortuna Crítica que Hilda Hilst envelheceu sem traumas de ignorância, mesmo sendo a mulher com a vida mais difícil e incomum na Literatura. Enfatiza que suas nuances psicológicas demonstraram o que ela tanto queria provar: “se Hilda fosse homem já a teriam saudado como um de nossos escritores mais criativos. Mulher não pode ter texto forte”, declarou o dramaturgo e jornalista.

Em Diniz (2013) também se encontra uma entrevista realizada em 1998, por Pedra Nello, (*Shopping News*), em que Hilda declara suas concepções sobre a Literatura e como esta se aproxima do indizível:

“Considero ignorante quem não ousa se aproximar das coisas absurdas, do indizível. Qualquer cretino pode parecer lúcido na escrita. Então eu acho que a Literatura vem desse conflito entre a ordem que você quer e a desordem que você tem. Existem determinados caminhos que podem reposicionar o homem. Um desses é o da pesquisa científica. Outro o da filosofia e metafísica, e o meu é, sobretudo, a Literatura, meu meio de expressão, porque é através dela que você pode conhecer a si mesmo. Ora, só se conhecendo é que você pode conhecer e reconhecer o próximo, o Outro. Isso não parece psicologia?
Meu pai era poeta e ensaísta (...), nos escritos que minha mãe guardou dele e me deu para ler, se interrogou como sobre o que acontecia à alma na loucura. Tragicamente, mais tarde, submergiu na loucura. Escrever é, na minha vida, sentir o meu pai, mas também é sentir os outros, a humanidade, é ter emoções com lucidez, falar de insanidade com lucidez.”

Nesse sentido, a autora, buscou ao longo da vida, o contato da Psicanálise dentro da Literatura, escrevendo com uma sagacidade incomparável. Hilda Hilst viveu o estudo da compreensão e a reelaboração da experiência humana até seus últimos dias, na Casa do Sol, casa onde a mesma residiu de 1966 até 2004, ano de seu falecimento, localizada em Parque Xangrilá.

Este local é, atualmente, sede do Instituto Hilda Hilst, que conta com um acervo de toda produção cultural da autora. Na Casa do Sol acontecem encontros e eventos com escritores, artistas, críticos e estudiosos que analisam as obras da referida autora. Todos os conteúdos produzidos, e cursos realizados, são publicados no canal do *Youtube* do Instituto, nomeado como “Curadoria Hilst”.

4.2 TEXTANÁLISE: A FUSÃO ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE

A Literatura apresenta-se como um espaço amplo, não apenas como disciplina curricular, mas também como um campo de análise da subjetividade e das incógnitas

mentais, desvendando as relações entre duas correntes extremamente complexas e exploratórias. De acordo com Villari (2000), Sigmund Freud inaugura essa relação, desenvolvendo um ambiente de diálogo. Abre-se, portanto, um leque de possibilidades e visões sobre todas as mazelas que o texto literário apresenta.

Nos textos de teóricos como Freud e Lacan encontram-se inúmeras conversações sobre a interatividade entre estas duas áreas de conhecimento. A descoberta dessas articulações faz com que as narrativas, sendo vistas como objetos de pesquisas, apresentem e representem os problemas, estigmas e efeitos sustentados pela Psicanálise.

De acordo com Freud (1928), cria-se uma espécie de ponte entre as duas vertentes. Toma-se a Literatura como a única possibilidade de explicação de situações que a Psicanálise não alcança sozinha. Desta maneira, o texto é considerado o elemento primordial de estudo. Deixa-se de lado o artista criador do enredo, e mantem-se o foco na textanálise.

Conforme Bellemin-Noel (1983), considerado o precursor no estudo referente à textanálise, esta intenção visa significativamente ignorar os aspectos biográficos e intencionais do autor e privilegiar o texto, tornando-o o elemento simbólico, enigmático e inconsciente no processo da análise. “Pensava-se trabalhar sobre uma narrativa do mesmo modo que o analista com o relato de seus pacientes” (VILLARI, 2000, p. 6), dessa forma, o principal objetivo seria desvendar quais os posicionamentos e incógnitas o texto literário pode apresentar a partir da leitura e interpretação.

A textanálise busca entender a manifestação daquilo que não é reprimido na escrita. Segundo Barthes (1988), é importante que o texto literário seja analisado como uma flecha para a realidade da sociedade. Deste modo, compreende-se que é possível dissociar as vontades do autor das vontades do narrador. Posto isto, no enredo de uma obra é justificável analisar as questões que a escrita demonstra e as reflexões que os personagens realizam, considerando-as as principais vias de acesso à interpretação das obras.

Lanteri-Laura (1994), na obra *Leitura das Perversões*, discorre que Freud trata a textanálise como uma concepção eficaz no que diz respeito à relação entre o texto e as perversões na Psicanálise. Segundo o autor, os teóricos psicanalistas e psiquiátricos, desde cedo, tentaram reconhecer a moral de muitos perversos em suas obras. Desta maneira, apresentaram os perversos como mais próximos dos normais

do que os neuróticos, como afirmam as teorias de Sigmund Freud sobre a histeria da condição feminina e o desenvolvimento da esquizofrenia masculina.

Hilda Hilst, por sua vez, apresenta características expressivas de uma escrita de perversidade, tanto que as obras analisadas no presente estudo foram reconhecidas pela Crítica Literária atual como a fase obscena da autora, em que a própria resolve unir a inteligência e o esforço que sempre a acompanhou na carreira de escritora com a libido ilusória, considerado por Lanteri-Laura (1994) uma forma de apresentar aos leitores outros problemas sociais e mentais a partir daquilo que chama a atenção: a obscenidade, a pornografia.

4.3 A CONDIÇÃO FEMININA NA FASE OBSCENA DE HILDA HILST

Identifica-se uma delonga de anos para que a fase obscena de Hilda Hilst fosse, de fato, analisada pela Crítica Literária, durante suas últimas entrevistas em vida a autora cita momentos difíceis de sua relação com as editoras para quem ela encaminhava os textos obscenos. Este período reúne os momentos em que Hilda Hilst esclarece a predominância pornográfica em sua nova forma de escrever.

Contudo, percebeu-se que a escritora sempre utilizava o termo obsceno para falar de suas narrativas, mas julga sua própria fala, condenando-a como um pensamento machista. A autora dispõe-se a realizar comparações básicas para demonstrar o quanto isto é real. Hilda comenta que mulheres não podiam escrever ou ler bandalheiras, não podiam ser excitadas pela leitura, mas são consideradas as responsáveis por todas estas manifestações sexuais nos homens, como objetos de sedução.

Gomes (2016) aponta que a pornografia na escrita é rapidamente associada ao sujo e ao vulgar, suas nuances apresentam as práticas sexuais e os desejos carnavais explicitamente. E, é com estas associações que Freud (1936) descreve a condição feminina como um continente negro quando se trata da obscenidade silenciosa, sendo o sexo feminino aquele que desenvolve de forma mais significativa e expressiva os aspectos sexuais.

Em *O Caderno Rosa* de Lori Lamby, primeira obra do livro *Pornô Chic*, Hilda apresenta a protagonista Lori como uma garota de aproximadamente oito anos, que precocemente desenvolveu a vida sexual incentivada pelos pais, os quais tentavam justificar estas atitudes com as dificuldades financeiras que vivenciavam. Em inúmeras

passagens da obra percebemos o quanto desde pequena Lori é vista como um objeto de desenvolvimento sexual:

“Eu deitei com a minha boneca e o homem que não é tão moço pediu para eu tirar a calcinha. Eu tirei. Aí ele pediu para eu abrir as perninhas e ficar deitada e eu fiquei. Então ele começou a passar a mão na minha coxa que é muito fofinha e gorda, e pediu que eu abrisse as minhas perninhas. Eu gosto muito quando passam a mão na minha coxinha. Daí o homem disse para eu ficar bem quietinha, que ele ia dar um beijo na minha coisinha. Eu fiquei bem quietinha porque é uma delícia e eu queria que ele ficasse lambendo o tempo inteiro” (HILST, 2014, p. 8).

A personagem Lori conta a trajetória da sua prostituição infantil em formato de diário, destacando todos os atos sexuais e como a personagem era excitada nestes desenvolvimentos. De acordo com Freud (1936), a sexualidade feminina é infantil, antes que a genitália tenha um desenvolvimento físico específico os aspectos sexuais já se encontram em erupção, buscando meios para esta constatação clínica.

Consoante aos apontamentos de Jung (2014), a Psicanálise já foi acusada de liberar nas mulheres os instintos animais reprimidos, destacando seus reais motivos de desenvolvimento sexual e exploratório, desde as análises mentais que Freud realizou em mulheres histéricas, em seus primeiros estudos desta área.

Percebe-se no decorrer da narrativa que Lori Lamby demonstra estar satisfeita com todos os atos sexuais que realiza com os homens que frequentam seu quarto de boneca, local em que os pais escondem a garota com os senhores tratados como clientes na obra:

“Quem será que inventou isso da gente ser lambida? E por que será que é tão gostoso? Eu quero muito que o moço volte. Tudo isso que eu estou escrevendo não é para contar pra ninguém porque se eu conto pra outra gente, todas as meninas vão querer ser lambidas e tem umas meninas mais bonitas que eu, como o papi diz. Aí os moços vão dar dinheiro pra todas e não vai sobrar nada pra mim, pra eu comprar as coisas que vejo na televisão, nem vai ter mais lambidas tão gostosas” (HILST, 2014, p. 13).

Fingermann (2008) esclarece que o feminino em Hilda Hilst não se procura, se encontra onde não se pensa. A referida teórica discorre que a condição feminina é deslumbrada na narrativa hilstiana por meio dos posicionamentos dos personagens. Identifica-se que Lori é uma criança, conseqüentemente é ingênua e manipulada pelos pais, até mesmo na organização da libido e do desejo sexual. Dessa forma, a mesma aparenta crescer dessa maneira na sequência do enredo. Estas considerações fazem com que os leitores compreendam que Lori crescerá deste modo, supondo que está ganhando, quando na verdade perde-se de si mesma:

“Eu quero falar um pouco do Papi. Ele também é um escritor, coitado. Ele é muito inteligente, os amigos deles que vêm aqui e conversam muito, sempre falam que ele é um gênio. Papi é muito bom, mas ele tem o que a mamãe chama de crise, quero dizer crise, não sei como escrever essa palavra, nem sei quando isso acontece. Outro dia ele pegou a televisão e pegou um coisa de ferro e arrebitou com ela. Eu fiquei pensando por que será que dão dinheiro pra mim dizendo que sou uma cachorrinha e não dão pro papi que é tão gênio?” (HILST, 2014, p. 37)

Freud (1936) encontra no *falocentrismo* as abordagens pertinentes ao domínio do homem em relação aos pensamentos femininos, este estudo causa a guerra ideológica do movimento feminista contemporâneo. Dessa maneira, este *falo* masculino designa que as constituições psíquicas femininas podem ser associadas à dependência emocional entrelaçada ao poder que a figurinha masculina pode exercer psicologicamente sobre as mulheres desde a infância das mesmas. Este processo de domínio psicológico inconsciente pode persistir durante toda a vida de quem sofre este procedimento.

Destaca-se que nas primeiras análises psicanalíticas de Sigmund Freud o teórico busca reconhecer na mente feminina a histeria e as articulações da tensão sexual que a própria causava nas mulheres, desde as mais jovens até as de terceira idade. Em diversos filmes e séries sobre estes estudos deste que é considerado um dos representantes da Psicanálise percebe-se que a condição feminina é abordada como fator essencial do estudo do comportamento mental feminino, tudo que vivencia-se na infância, o contato com a figura paterna e as relações sexuais com o sexo oposto, situações de poder psicológico que construíram uma imagem frágil do sexo feminino, questão que sofre mudanças hodiernamente.

Em Pornô Chic também destaca-se o fato importante de que Hilda Hilst busca apresentar ao leitor que a identidade feminina não é formada apenas por aquilo que as mulheres dizem ou realizam, mas principalmente pela manipulação que muitas sofrem desde a infância. Isto acontece com Lori, na primeira obra do livro, que tenta entender o que estar por vir em sua vida e como os seus pais estão sendo responsáveis por isso enquanto ela cresce e se desenvolve naquele ambiente, aos poucos se tornando consciente de que o resultado de sua construção e suas atitudes na fase adulta da vida será sua jornada, e ninguém mais terá o compromisso de ser responsável pelos danos morais, mentais e sociais que a mesma carregará constantemente. Desse modo, Aragon (2002, p. 34) comenta que “*la femme est l’avenir de l’homme*”, controlando todo o caos psicológico que restou de uma construção de que a condição feminina sempre tentará compreender e desconstruir.

4.4 A ESQUIZOFRENIA NAS ENTRELINHAS DA OBSCENIDADE HILSTIANA

Os aspectos esquizofrênicos analisados pela Psicanálise indicam psicoses crônicas, resultando em tipos distintos de desenvolvimento, mas com comportamentos considerados gerais nas pessoas que possuem esta síndrome. Segundo Silva (2006), os primeiros sinais e sintomas da doença aparecem mais comumente na adolescência ou início da fase adulta. O autor esclarece que os aspectos mais comuns da esquizofrenia são as alucinações e delírios.

Na Literatura identificam-se alguns autores que desenvolveram a esquizofrenia e outros transtornos mentais e escreveram enredos sobre as próprias vidas ou sobre como as pessoas ao redor dos mesmos sentiam-se lidando com estas situações. De modo geral, ao analisarem-se narrativas em si, levando em consideração a textanálise, percebe-se que os enredos de obras brasileiras, em diferentes épocas e estéticas literárias, buscaram atentamente apresentar estes processos e situações aos leitores, recorre-se ao caso do autor Machado de Assis, que por vezes escreveu suas obras voltadas para temas concernentes aos transtornos mentais, de forma individual e social.

Consoante aos pensamentos de Pull (2005), a linguagem e o discurso de esquizofrênicos são objetos de estudos que resultam em uma análise integrada das constituições psíquicas humanas, principalmente em homens, que constituem o percentual mais elevado de desenvolvimento da esquizofrenia. De acordo com as

teorias do referente autor os três tipos mais comum da esquizofrenia são apontados como o resultado de uma construção psicológica afetada desde as primeiras fases da vida.

Na obra O Caderno Rosa de Lori Lamby, ainda na primeira parte de Pornô Chic, Hilda Hilst destaca crises que o pai de Lori perpassa e como sua personalidade é confrontada com este estado mental:

“Papi hoje teve uma crse, quero dizer uma crise grande. Ele falou pra mami que quer morar no quintal, que não aguenta mais cadeiras, mesas e livros. Que ele nunca vai conseguir escrever o merdaço que as pessoas querem, e que a vida é um lixo podre, ele quer ser um porco, ele acha que é um porco (...). Aí a mami se ajoelhou na frente dele, abraçou as pernas dele e disse que achava que o relato estava muito bom, que ele escrevia muito bem, que ele era um gênio, o melhor” (HILST, 2014, p. 50).

Em nenhum momento da narrativa é citado qual transtorno o pai de Lori desenvolveu durante sua vida, mas por todas as características apresentadas e pelas descrições da garota quando discorre acerca destas crises que caracterizam as alucinações e delírios, apontam para a esquizofrenia. De acordo com Pull (2005), os pacientes esquizofrênicos são considerados autoritários, gostam de ouvir aquilo que querem mesmo algo que não seja verdade, para que dessa forma sintam-se no controle da situação, sintam que este momento não é uma crise, mas uma forma de demonstrar que continuam com o poder sobre suas próprias vidas, ou até mesmo daqueles que estão próximos a eles.

Identifica-se através das características clínicas da maioria dos casos de esquizofrenia que as alucinações podem variar em cada pessoa, algumas são gerais como imaginar-se como um animal, na tentativa de livrar-se da atual personalidade ou cotidiano. Por outro lado, imagina-se como alguém mais poderoso, bonito ou inteligente. A exemplo disto, na segunda parte do livro Pornô Chic encontra-se a obra Contos D’escárnios: textos grotescos. Nesta obra vislumbramos o personagem Crasso, um homem que decide registrar todas as aventuras sexuais que vivenciou.

O protagonista Crasso apresenta, no decorrer da narrativa, uma espécie de confusão mental, quando decide escrever acerca de seus casos sexuais, declarando que havia lido inúmeros livros com histórias ruins, que ele seria um escritor melhor que os quais ele já havia lido, mesmo sabendo que esta não era a realidade:

Resolvi escrever este livro porque ao longo da minha vida tenho lido tanto lixo que resolvi escrever o meu. Sempre sonhei em ser escritor. Eu sou um escritor. O melhor escritor (...). A verdade é que não gosto de colocar fatos numa sequência ortodoxa, arrumada. Nada possui um tempo na minha mente” (HILST, 2014, p. 64).

Neste desenvolvimento do enredo, percebem-se várias tipologias textuais em cada caso narrado, encontra-se o enredo construído em formato de correspondência, mensagens, textos teatrais e poemas, justificando que Crasso seria capaz de escrever de diversas formas diferentes. A obra não tem uma organização lógica, como se todas as informações estivessem dessa maneira na mente do personagem, os casos são citados de forma aleatória, e cada parceira sexual é posicionada de forma inferior ao protagonista Crasso:

“O que eu podia fazer com as mulheres além de foder? Quando eram cultas, simplesmente me enojavam. Não sei se alguns de vocês já foderam com mulher culta ou coisa que valha. Olhares misteriosos, pequenas citações bobas, afagos desprezíveis. Não gosto de pessoas, muito menos as que falam muito” (HILST, 2014, p. 66).

Silva (2006) destaca que pessoas esquizofrênicas podem passar despercebidas na multidão, que as crises podem ocorrer internamente nas constituições mentais e aparentemente as pessoas estarão ouvindo uma conversa, sorrindo timidamente e desprezando todas as informações pronunciadas, substituindo a fala de quem está próximo pela sua razão.

Na terceira obra de Pornô Chic, intitulada Cartas de um sedutor, encontram-se dois protagonistas, Stamatius e Eulália, um casal de moradores de rua. Stamatius é a pessoa que escreve as cartas que compõem a obra. Finalizando esta trilogia obscena de Hilda Hilst, este personagem apresenta histórias incestuosas e homossexuais das quais o mesmo ora afirma ter vivenciado, ora confronta o leitor em descobrir se são apenas devaneios.

De acordo com Patrício (2019), é alta a prevalência do desenvolvimento de transtornos mentais comuns entre pessoas em situação de rua, identifica-se um índice mais elevado do que em outros grupos populacionais. De acordo a teórica, estas pessoas escapam do lar por tratar a doença mental como uma crise pessoal de

identidade, sem receio em abandonar bens materiais ou vínculos familiares. Com estas colocações compreendem-se as características peculiares do personagem Stamatius, cuja personalidade é apresentada com traços de prepotência e superestima, com a mesma demonstração de delírios do personagem Crasso durante a narração das cartas de perversões:

“Vamos foder, sim, Eulália, logo mais. Ela ri. Tem dentes excelentes, e não se importa com a minha boca vazia. Primeiro eu quero escrever, escrever de mim, aproveitar o delírio. Escrever dos outros. Se ao menos eu conseguisse escrever (...). Gozo grosso pensando: sou um escritor brasileiro, coisa de macho, negona. Vamos lá” (HILST, 2014, p. 140).

De modo geral, os personagens das narrativas hilstianas são apresentados como pessoas comuns, de classe baixa, com problemas financeiros, vivendo como diversas outras pessoas até os dias atuais. Porém, em cada característica citada e no clímax de cada enredo, identifica-se a função transcendente do texto literário em denunciar, apontar e, acima de tudo, levar às interpretações necessárias para compreensão das abordagens construídas não apenas naquilo que permeia o enredo, mas o que as concepções destacam a partir da leitura.

É possível afirmar que a fase obscena de Hilda Hilst depositou em sua carreira além do que se podia imaginar. Chamar atenção da Crítica não era um problema, pois com uma taça de vinho na mão e um cigarro na boca Hilda Hilst já discursava abertamente sobre temas pornográficos, místicos, e principalmente mentais, em entrevistas e reuniões. De acordo com Diniz (2013), Hilda Hilst traz o leitor para perto, e depois o ensina a sagacidade na interpretação, com instrumentos que os mesmos jamais serão capazes de esquecer, pois a mente é uma zona perigosa e labiríntica, mas totalmente integrada de memória e reflexão.

5 CONCLUSÃO

Analisar e colocar em evidência os textos literários trata-se de um traquejo considerado fundamental desde as primeiras formas de escrita e comunicação na humanidade. A Literatura trouxe ao homem a possibilidade de aprender com o passado através das reflexões históricas escritas. Do mesmo modo, a Psicanálise instrumentaliza o sujeito a refletir sobre seus posicionamentos, atitudes, ideologias, comportamentos e pensamentos.

Duas vertentes complexas e exploratórias em função da interpretação, por meio da textanálise, constroem um prisma investigativo significativo e precioso. Embora a Literatura atue cada vez mais em campos diversos, participando indispensavelmente da mediação de leitura e das linhas do tempo da História em geral, e até mesmo de jogos e novas formas de escritas infantojuvenis e juvenis, ocupando um espaço de entretenimento, são nos estudos das narrativas que se encontram os efeitos simbólicos, a construção do verbo compreender e a prática da reflexão acerca do que foi vinculado nas entrelinhas do enredo.

As obras de Hilda Hilst, nesta fase considerada obscena, demonstram que a libido ilusória atinge o objetivo de levar o leitor adulto a aproximar-se da leitura de narrativas escritas com determinado rebuscamento, mas com pouca moralidade, para que este percorra caminhos novos de eixos interpretativos e reflexivos.

Portanto, concluiu-se que os aspectos referentes à condição feminina e à esquizofrenia, nos âmbitos psicanalíticos, são interpretados a partir de um estudo de revisão da reunião de informações e minuciosidades que o texto literário apresenta intencionalmente pelo seu criador, como é o caso da sagacidade e ousadia de Hilda Hilst em sua fase obscena fixada no livro *Pornô Chic*. em regra, se na Filosofia de René Descartes pensa-se, para logo existir, na Literatura de Hilda Hilst lê-se para logo interpretar.

REFERÊNCIAS

- AGENOT, Marc. **Teoria Literária**. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- ARAGON, Louis. **Le Fou D'elsa: perspectivas**. 6 ed. São Paulo: Globo, 2002.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- BELLMIN-NOEL J. **Psicanálise e Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- BIRMAN, Joel. **Freud e a interpretação psicanalítica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.
- BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura**: Algumas considerações. Goiás: Revista Teoria, 2010.
- BOSI, Alfredo. **O tempo e os tempos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Não verás país nenhum**. São Paulo: Martins, 2017.
- CANDIDO, Antonio. **Esquema Machado de Assis**. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9 ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- CARNEIRO, Raquel Ribeiro. **Pode a literatura ser a ciência mais pura?** São Paulo: Revista Público, 2014. Disponível em: <https://www.publico.pt/2014/08/24/cultunoticia-166671>. Acesso em: 20 de ago 2020.
- DANZIGER, Marlies; JOHNSON, Stacy. **Introdução ao estudo crítico da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- DINIZ, Cristiano. **Fico besta quando me entendem**: entrevistas com Hilda Hilst. São Paulo: Globo, 2013.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura. Uma introdução**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ECO, Humberto. **Sobre a Literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- ENGLISH, James. **A Teoria literária na Sociologia**. São Paulo: Routledge, 2010.
- ESTEVAM, Mariana. **Literatura e Política**: de ontem e de hoje. São Paulo: ILP/ALESP, 2011.
- FINGERMAN, Dominique Touchon. **Encontro com o feminino**: Hilda Hilst e outras. São Paulo: Revista Bras. De Psicanálise, 2008.

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1936.

FREUD, Sigmund. **Psicologia completa**. Rio de Janeiro: Imago, 1928.

GAGNEBIN, Jeane Marie. **Filosofia e Literatura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

GAUDEZ, Florent. **Criar, resistir, escrever: arte, imaginário e engajamento**. São Paulo: Endusp, 2015.

GOMES, Maitê Celly da Silva. **Literatura erótica em weblogs: análise do universo feminino nos blogs de literatura erótica**. Natal: RN, 2016.

HILST, Hilda. **Pornô Chic**. 1 ed. São Paulo: Globo, 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 4 ed. São Paulo: José Olympio Editora, 2014.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente**. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LANTERI-LAURA, Georges. **Leitura das perversões: história de sua apropriação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

LOPES, Paula Cristina. **Literatura e linguagem literária**. 2 ed. Lisboa: ISTECS, 2010.

MAGALHÃES, Antonio. **Partilhas do saber: diálogos entre filosofia e literatura**. Paraíba: Review UEPB, 2009.

MARQUES, Luiz. **Relações históricas e literárias**. São Paulo: IFCH-UNICAMP, 2003.

MATOS, Maria Vitalina Leal de. **Introdução aos estudos literários**. Lisboa: Verbo, 2001.

MENEZES, Salvato Telles. **O que é a literatura**. Lisboa: Difusão Cultural, 1993.

MORIN, Edgar. **Problemas da Complexidade**. Portugal: Europa-América, 1991.

NAVAS, Diana. **Literatura e Ciências: campos antagônicos ou complementares?** São Paulo: SBPC, 2020.

OZELAME, Josiele; NASCIMENTO, Stefany Silva. **A Causa Secreta: análise crítica machadiana acerca do indivíduo condenado socialmente**. Araguaína: Entreletras, 2016.

PATRÍCIO, Anna Cláudia. **Transtornos mentais comuns e resiliência de pessoas em situação de rua**. São Paulo: Revista Bras. Enfermagem, 2019.

PEREIRA, Ana Paula de Oliveira. **A escritura desejante de Hilda Hilst**. São Paulo: PUC, 2006.

PESAVENTA, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leituras da história e da literatura**. Brasília: Pelotas, 2006.

PETRONÍLIO, Paulo. **Literatura, vida e linguagem**. Goiânia: Guará, 2011.

PULL, Carl. **Diagnósticos da Esquizofrenia: uma revisão**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

REIS, Carlos. **O conhecimento da Literatura – introdução aos Estudos Literários**. 21 ed. Coimbra: Almedina, 2001.

RIBEIRO, Luis Felipe. **Geometrias do Imaginário**. Santiago de Compostela: Edicions Laiovento, 2000.

SANTANA, Afonso Romano. **Análise estrutural do romance brasileiro**. São Paulo: Ática, 1990.

SILVA, Regina Cláudia. **Esquizofrenia: uma revisão**. São Paulo: UNIFESP, 2006.

SILVA, Vítor Emanuel de Aguiar. **Teoria da Literatura**. 8 ed. Coimbra: Almedina, 2007.

TEXEIRA, Ana Lúcia. **Literatura e Sociologia: relações de mútua incitação**. Porto Alegre: Maio, 2018.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEI, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. Lisboa: Edições 70, 1978.

VILARI, Rafael Andrés. **Relações possíveis e impossíveis entre psicanálise e literatura**. Santa Catarina: Scielo, 2000.

XINGJAN, Gao. **Entrevistas: o discurso do prêmio Nobel**. São Paulo: O Estado de São Paulo, 2011. Disponível em: [http://www.folhasdesp/oestadodesao-paulo.noticias.entrevistas](http://www.folhasdesp/oestadodesao-paulo/noticias/entrevistas). Acesso em: 17 de ago 2020.

ZIBERMAN, Regina. **Fim dos livros, fim dos leitores?** São Paulo: Senac, 2001.